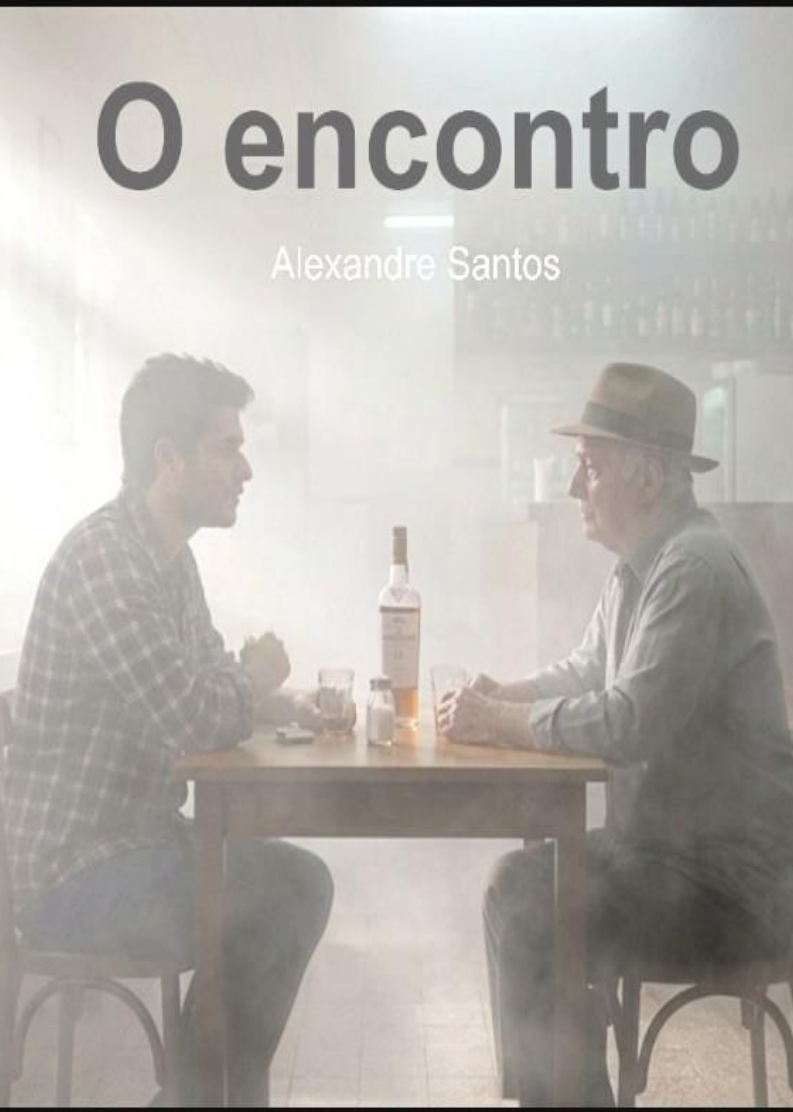
O encontro

Alexandre Santos



ALEXANDRE SANTOS

O ENCONTRO

Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos

EDIÇÕES MOINHO

Organização associada à Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Jacinto Almeida
José Kameniecki
Caio Porto
Carlos Newton Júnior

As palavras dizem coisas que, nem sempre, foram ditas

Àqueles que conseguem retornar após
compreender novas verdades

ALEXANDRE SANTOS

O ENCONTRO

Durante muito tempo, a vida de Joca Carnaúba não foi fácil. Ele dependia de si próprio para tudo. Era ele e somente ele.

Embora cercado de gente querida - mulher, filhos, netos, vizinhos, parentes, amigos, colegas de trabalho -, Joca carregava a estranha sensação de estar sempre só. Pudera. Por razões suas, muito fortes e sempre presentes, desenvolvera um modo de vida peculiar, centralizando decisões e só repassando para terceiros aquilo que não podia fazer sozinho. Não acontecia sem razão, portanto, o fato de ele estar sempre esbaforido, cansado e sem tempo para si mesmo.

Nem sempre ele fora assim.

Houve um tempo no qual, cumprindo outra dinâmica de vida, recorria aos amigos, pedindo-lhes opiniões e conselhos.

A reviravolta ocorreu no dia em que, precisando desesperadamente de um pequeno empréstimo, pediu orientação ao pai.

- Vá ao Banco do Brasil, Joca. Procure o Doutor Barata e fale no meu nome. Ele vai resolver seu caso na hora. Talvez nem cobre juros - o pai orientou.

No dia seguinte, logo cedo, Joca foi ao Banco do Brasil e procurou o gerente.

- Sou filho do Doutor Carnaúba - disse Joca com o peito estufado, exalando

confiança, na certeza de que bastaria a referência ao nome do pai, um senhor pleno de aventuras vividas nos diversos cargos que ocupara, para desembaraçar o pequeno empréstimo.

- Quem é este Doutor Carnaúba, meu filho? Não lembro de ninguém com este nome. Tanta gente passa por aqui… - disse o Doutor Barata, sem sequer levantar os olhos para vê-lo melhor.

Decepcionado, Joca voltou para casa e jurou a si próprio que nunca mais pediria qualquer coisa a quem quer que fosse.

A experiência com Doutor Barata fora traumatizante.

E assim, carregando a impressão de que o velho Carnaúba fora culpado pelo seu jeito de ser, Joca mergulhou na solidão, uma vida de ermitão que, naturalmente, lhe cobrou muitas tensões.

A cada passo, uma decisão. A cada decisão, uma cobrança. A cada cobrança, uma carga extra de adrenalina.

Quando a decisão era acertada, trazendo um resultado positivo, a festa era grande. Mas, inversamente, quando o resultado era de perda, Joca se culpava severamente, pois sabia ser ele o único culpado. Nestes momentos era tomado por uma tristeza profunda.

A tensão decorrente daquele jeito de ser era insuportável, alternando momentos de alegria e de tristeza, sensações de vitória e de derrota. Altos e baixos. Sorrisos e prantos. Idas ao Céu e mergulhos no inferno.

Um dia, a pressão ultrapassou os seus limites e, sempre culpando o velho Carnaúba pelo seu jeito de ser, Joca resolveu jogar tudo para o ar. Por alguns tempos não tomaria qualquer decisão. Afinal de contas, outras pessoas podiam assumir seus encargos e experimentar o stress até então por ele sofrido com exclusividade.

Foi neste momento que Joca decidiu se livrar de toda e qualquer

responsabilidade. E surgiu um novo Joca. Um Joca descolado. Um Joca livre e solto. Se fosse mais jovem, mandaria tatuar o corpo e, quem sabe, passaria a usar piercings e brincos.

Pouco se lixando para aquilo que acontecia em volta, Joca não estava nem aí para as coisas. Quem quisesse que perdesse tempo com as coisas sérias do cotidiano, pois ele tinha mais o que fazer.

Joca não percebia, mas, mesmo sem a sua 'ajuda', o mundo continuava a girar normalmente e, embalada pelas decisões tomadas por outros, a vida continuava seu curso. Se fosse em outros tempos, talvez Joca não sobrevivesse em saber que o

mundo é a vida continuavam sem o seu concurso.

De qualquer forma, arrependido dos tempos nos quais se consumia na vã tentativa de querer carregar o mundo nos próprios ombros, Joca não se desprendia do velho Carnaúba e, sempre que podia, relembrava as suas lições. Não eram poucas e, daquilo que recordava, Joca tinha presente o apreço do velho pai pela precisão - uma obsessão que, inicialmente o levara ao preciosismo e, depois, em contraponto natural nas reações de negação, [o levara] ao comportamento errático.

- 'Eu acho' não é resposta - dizia o velho Carnaúba, cobrando precisão nas coisas ditas a ele e, talvez sem querer, aumentando a pressão que fizera o filho

Joca explodir, renunciar ao papel-modelo exercido até então e cair na alienação dos largadões.

Ao contrário daquilo que os ‘quadrados’ acham, além da completa imunidade ao stress, a nova condição de ‘largadão’ dava a Joca algumas outras vantagens, inclusive a possibilidade de dar asas a imaginação e, neste embalo, viver situações fantásticas sem qualquer medo de cobranças. Estando ou não associadas a um botelha, muitas viagens de Joca não percebiam limites e misturavam realidade, realidade aumentada, meta realidade e para realidade, fundindo-as com ilusão e ficção para criar ambiências de surrealidade pura.

Numa dessas viagens Joca reencontrou o velho Carnaúba - um encontro especialíssimo, pois, segundo os registros usados pelas pessoas comuns, seu pai já estava noutra dimensão há tempos.

Inicialmente, talvez pela tênue névoa na qual estavam imersos, Juca não reconheceu o homem gentil, elegante e sedutor com quem conversava. Pouco a pouco, no entanto, enquadrando os sinais do momento nas antigas memórias - a forte fragrância perfumada que dele emanada, incensando todo o ambiente, por exemplo -, Joca identificou o velho Carnaúba.

De onde o pai tinha vindo? onde estivera e o que fizera depois que teve o esquife banhado pelas lágrimas da esposa

sempre apaixonada no reencontro de despedida? quais aventuras vivera e quais lições aprendera (e tinha para ensinar) nos tempos em que estivera nos braços da nova vida?

Eram muitas perguntas. Perguntas que atravessaram os tempos e não tinham como ser respondidas numa única conversa. Mesmo assim, Joca confrontou o velho Carnaúba. Quis saber porque, no leito de morte, ao invés de palavras de estímulo, fizera cobranças pelo seu gosto pela arte e pela política.

- Juca, enquanto as pessoas normais estavam se digladiando em guerras desnecessárias e que não desejavam, você deu as costas para as artificialidades da sociedade hipócrita e mergulhou no

universo que você realmente queria. Ali, desafiando a todos, inclusive a mim, você ingressou na arte e da política, que são os únicos mundos capazes de construir as coisas que todos querem.

Joca nunca soube por quanto tempo o velho Carnaúba falou. Lembra apenas que, no final daquele primeiro e último encontro desde a partida do pai, com os olhos marejados, já perdendo consistência como acontece com os espectros que se desfazem nos sonhos, o velho Carnaúba conseguiu explicar:

- Não tome aquelas minhas palavras como crítica, Joca. Naquela nossa última conversa, eu quis registrar o meu orgulho e a minha inveja, pois você sempre foi tudo o que eu quis e nunca consegui ser - e, como a névoa de lança-perfume, a imagem do

velho Carnaúba se desfez, deixando Joca em prantos.

Finalmente, depois de todos aqueles anos, Joca compreendera o significado da última conversa que tivera com o pai. Ao contrário daquilo que pensara, ele não decepcionara o pai. Na realidade, era motivo de orgulho e de inveja do seu herói.

Depois daquele único encontro com o pai, já sabendo o significado da última conversa e sabendo-se ser 'Joca Carnaúba', filho e orgulho do velho Carnaúba, Joca passou por nova metamorfose, abandonando pouco a pouco o jeito largadão e voltando a se ligar nas coisas de um jeito que, sabia ele, agradaria ao velho Carnaúba, seu pai e herói.

Joca tentou reencontrar o velho Carnaúba muitas outras vezes, mas nunca conseguiu. Talvez, quem sabe, voltasse a reencontrar o pai quando ele próprio partisse para o mundo dele, no qual já estavam muitas pessoas amigas e muito queridas.

CRÍTICA LITERÁRIA DO CONTO ‘O ENCONTRO’

Resumo

O conto "O encontro", de Alexandre Santos, narra a trajetória de Joca Carnaúba, um homem que passou grande parte da vida centralizando decisões, carregando o peso do mundo nas costas e vivendo em constante estado de tensão e solidão. Essa postura rígida nasceu de um trauma da juventude: ao precisar de um empréstimo, ele recorreu ao gerente de um banco usando o nome do pai (o "Doutor Carnaúba") como garantia, mas o funcionário sequer reconheceu a figura paterna. Decepcionado e culpando o pai por seu perfeccionismo e rigidez, Joca mergulhou em uma rotina estressante de alta cobrança emocional. Exausto com o peso da própria

responsabilidade, Joca sofre uma ruptura e decide adotar o oposto: torna-se um "largadão", alheio às obrigações cotidianas e imerso em divagações, viagens mentais e na surrealidade. É nesse estado de liberdade imaginativa que ele vivencia um encontro fantástico com o falecido pai. Durante o diálogo onírico, Joca confronta o pai sobre as cobranças feitas no leito de morte em relação à sua escolha pela arte e pela política. O velho Carnaúba esclarece que aquelas palavras não eram críticas, mas sim uma expressão de orgulho e inveja, pois Joca havia tido a coragem de viver os ideais que o próprio pai nunca ousara perseguir. Essa revelação liberta Joca de suas mágoas antigas, permitindo-lhe abandonar a apatia do "largadão" e retomar a vida com um novo equilíbrio, reconciliado com sua história e com o legado paterno.

Crítica Literária

Sob uma ótica analítica, "O encontro" revela-se uma narrativa de forte densidade psicológica e existencial, que utiliza o realismo fantástico como ferramenta de catarse e cura emocional.

A Metáfora da Carga e os Ciclos Comportamentais:

A trajetória de Joca espelha o dilema contemporâneo do esgotamento profissional e emocional (burnout). Sua vida oscila entre dois extremos igualmente adoecedores: o controle obsessivo (hiperresponsabilidade) e a alienação total (o niilismo do "largadão").

O autor demonstra com sensibilidade como traumas do passado moldam defesas psicológicas rígidas que, mais tarde, precisam ser desconstruídas.

O Conflito Edípico e a Reconciliação:

O eixo central da narrativa é a relação mal resolvida com a figura paterna. O "Doutor Carnaúba" funciona inicialmente como símbolo de autoridade frustrada e exigência de precisão ("'Eu acho' não é resposta"). No entanto, a reviravolta do encontro no plano onírico subverte a figura do pai severo: ele não é um juiz implacável, mas um espelho dos desejos reprimidos do próprio filho.

A Estética da Surrealidade

A transição do realismo cotidiano para a "surrealidade pura" — onde se misturam realidade aumentada, ficção e

ilusão — é conduzida com fluidez. É nesse espaço limiar que o inconsciente de Joca opera, transformando a névoa e a fragrância do pai em uma ponte para o autoconhecimento. O uso do "lança-perfume" e das viagens mentais funciona como licença poética para o mergulho interior.

Estilo e Tom

A prosa de Alexandre Santos é reflexiva, marcada por um tom intimista que transita com facilidade entre o drama existencial e o lirismo fantástico. O desfecho evita o moralismo simplista, optando por uma resolução madura: Joca não volta a carregar o mundo nos ombros, mas resgata o senso de pertencimento e propósito que o alinha à memória e ao orgulho do pai.